

*Isto é o que mostra a ti Sua Onipotência,
Exaltado seja Ele; que Ele Se oculta de ti
por aquilo que não tem existência fora Dele.*

Ibn 'Ata'allah al-Iskandari-*Hikam*

Ikhwan al-Safa' wa Khullan al-Wafa (A Irmandade da Pureza)

CAPÍTULO 1

O Rasa'il do Ikwān al-Safa' – ***Sua Identidade e Conteúdo***

Permanecendo oculta dentro do manto do segredo desde seu princípio, o *Rasa'il* forneceu muitos pontos vista e tem sido uma fonte constante de disputa tanto entre mulçumanos como entre estudiosos ocidentais. A identificação dos autores, ou possivelmente um autor, o local e a época do texto e a propagação de seus trabalhos, a natureza do segredo da irmandade, a manifestação externa do que compreende o *Rasa'il* – estas e outras questões secundárias permaneceram sem respostas históricas definitivas.

Muitas antigas fontes mulçumanas forneceram o nome de um grupo de estudiosos de Basra como os autores do *Rasa'il*. Ibn al-Qifti, em seu *Akhbar al-hakama*, menciona que de acordo com Abu Hayyan al-Tawahidi os autores do *Rasa'il* foram Abu Sulaiman Muhammad ibn Ma'shar al-Basti, Abu'l-Hasan 'Ali ibn Harun al-Zanjani, Abu Ahmad al-Mihrijani, 'Awfi e Zaid ibn al-Rifa'i. Shahrasturi, por outro lado, em seu *Nuzhat al-arwah*, forneceu uma listagem de autores um pouco diferente, consistindo de Abu Sulaiman Muhammad ibn Mas'ud al-Basti, conhecido como al-Muqaddasi, Abu'l-Hasan 'Ali ibn Wahrun al-Sabi, Abu Ahmad al-Nahrjuri, 'Awfi al-Basri e Zaid ibn al-Rifa'i. O próprio Abu Hayyan al-Tawahidi afirmou que o wazir, Abu 'Abdallah al-Sa'dan, que foi morto em 375/987, teve a seu serviço um grupo de estudiosos, incluindo Ibn Zar'ah (331/942 – 398/1007), Miskawaih al-Razi (morto em 421/1029), Abu'l-Wafa' al-Buzjani, Abu'l-Qasim al-Ahwazi, Abu As'id Bahram, Ibn Shahuyah, Ibn Bakr, Ibn Hajjaj al-Sha'ir, Shukh Shi'i (morto em 391/1000), e Ibn 'Abid al-Katib cujos ditos foram compilados e coletados para formar o *Rasa'il*. Observando um dos autores eleitos, Zaid ibn Rifa'i, Abu Hayyan escreveu:

Ele se encontra fora de qualquer ralação definida com outro sistema. Ele sabe como formar sua escola por todos os lados ... Se alguém pudesse unir a filosofia grega e a lei religiosa do Islão, a perfeição da fé, então o pensamento dos Ikhwan seria alcançado. Com este projeto, eles escreveram cinquenta tratados em todos os ramos da filosofia.

Não somente existe uma diferença de visão como para os autores do *Rasa'il*, mas também a respeito da parte da comunidade Islâmica onde ele teve origem. As discussões modernas encontram seu eco entre os próprios autores mulçumanos medievais. Ibn al-Qifti, oferecendo sua própria visão, considera os Ikhwan como seguidores da escola Mu'tazilah, que era racionalista em sua abordagem. Ibn Taimiyah, o jurista hambali, por outro lado, tende ao outro extremo quando relaciona os Ikhwan aos Nusairis, que são tão distantes dos

racionalistas quanto quase todos os grupos encontrados no Islão. Entre estes dois extremos houveram as visões expressas através dos séculos de que o *Rasa'il* foi escrito por 'Ali ibnTalib, al-Ghazzali, Hallaj, Iman Ja'far al-Sadiq, ou vários *da'is* ismaelitas, ou "missionários".

Considerando o grande respeito conferido ao *Rasa'il* pelos ismaelitas, o seu extensivo uso, particularmente no Yemen, e o fato de que "o trabalho é aceito pelos ismaelitas como pertencendo a sua religião, e ainda considerado como esotérico...", não é surpreendente encontrar a maioria dos estudiosos modernos, mulçumanos ou não, afirmando a autoria Ismaelita do trabalho. A. Tamir, por exemplo deu uma descrição muito detalhada e convincente da natureza ismaelita do *Risa'il*, cujo conteúdo ele chama de "a filosofia ismaelita". É interessante notar, de qualquer forma, que o tão conhecido estudioso ismaelita moderno, H. F. al-Hamdani, apesar de enfatizar a importância do *Rasa'il* na missão ismaelita no Yemen, nega a autoria ismaelita do trabalho e ao invés disto atribui os tratados aos Alidas. E A. L. Tibawi, baseia sua conclusão no fato de que os Ikhwan se opuseram ao *imam* hereditário e secreto, afirmando que a conexão entre o *Rasa'il* e os ismaelitas é de origem mais tardia. Ele faz uma associação mais geral, afirmando que os "Ikhwan as-Safa" devem ser vistos como simbolizando o esforço xiita, enquanto que al-Ghazali representa como uma síntese o esforço sunita."

Uma abordagem um pouco diferente é considerada por 'A. 'Awa em seu estudo analítico do *Rasa'il*. Melhor que identificar os Ikhwan muito próximo a qualquer grupo, 'Awa os chama pelo vago nome de pós-Mu'tazilites. Em sua opinião ele está de acordo, apesar de num estilo um pouco vago, com alguns dos estudantes ocidentais dos Ikhwan.

Um interesse sério no *Rasa'il* por parte de estudiosos Ocidentais foi manifestado no século dezenove com uma tradução feita por Fr. Dieterici Numestilo, um pouco livre e desordenada, em um período de trinta anos da maior parte do *Rasai'il*. Ele percebeu cedo em seus estudos sobre os Ikhwan sua importância em reunir num estilo enciclopédico uma grande quantidade de estudos islâmicos e em reunir várias ciências numa visão unificada de mundo.

Outro antigo estudo alemão que teve considerável influência durante as décadas seguintes foi o artigo de G. Flügel sobre os Ikhwan. Ele enfatiza a natureza racionalista e Mu'tazilite do *Rasa'il*. Considerando o interesse e particularmente a tendência racionalista dos Mu'tazilites por uma lado e a visão cosmológica e metafísica dos Ikhwan por outro, a declaração de Flügel é a mais difícil de entender. Esta visão é ainda sustentada novamente no século vinte por estudiosos como E. G. Browne e R. A. Nicholson, enquanto que Miguel Asín Palácios considera o trabalho uma combinação das inspirações Mu'tazilite e Xiita.

De um modo um pouco parecido, S. Pines, se referindo a função do Profeta. Afirma que "o *Rasa'il Ikhwan as-Safa* é, neste ponto como em muitos outros, uma tentativa de transpor o vão entre as duas correntes de pensamento. Ele é, por um lado, imbuído de doutrinas xiitas, mais especialmente ismaelitas; por outro lado ele segue de perto e mesmo plagia a teoria política de al-Farabi."

Esta história do surgimento do Ismaelismo, do movimento Fatimida, das relações doutrinárias e políticas entre os Ismaelitas, Batinis e Qaramitah, estão entre os mais obscuros e difíceis problemas da história islâmica. Mas para o nosso propósito é mais adequado, se não exatamente correto, combinar os grupos e movimentos antecedentes sob o encabeçamento que devemos chamar de Ismaelismo. Com esta generalização então, podemos seguramente afirmar que a grande maioria dos estudiosos ocidentais consideram os Ikhwan e seu *Rasa'il* com estando ligados ao movimento Ismaelita. Casanova, em 1915, já

havia defendido esta opinião, sendo seguido por Goldziher, MacDonald, Lane-Poole, Massignon, e Ivanov, apenas para mencionar alguns autores mais conhecidos neste campo.

Alguns estudiosos Ocidentais – como por exemplo Stern e Sarton – aceitaram as opiniões de antigos escritores mulçumanos sobre a autoria do *Rasa'il* e atribuíram o trabalho a um grupo de estudiosos provavelmente de Basra. Após abandonar esta visão, Stern mais uma vez retorna a ela depois da publicação do *Kitab al-imta* de Abu Hayyan al-Tawhidi no qual o grupo de estudiosos é mencionado. Recentemente, em um estudo profundo sobre a relação entre os Sabaeans e os Ismaelitas, Corbin identificou os Ikhwan como um grupo ou associação de homens instruídos que eram ao mesmo tempo a voz do movimento Ismaelita.

Antes de formar uma opinião sobre este difícil problema sobre a autoria do *Risa'il*, é melhor retornarmos ao próprio trabalho para um auxílio. Desde que todos concordam que o *Rasa'il* foi escrito pelos Ikhwan as-Safa', então seja o que os Ikhwan nos contam sobre eles próprios, seu propósito, e a organização de sua irmandade, é ao mesmo tempo uma informação sobre os autores do *Rasa'il*. Eles escreveram, “A razão pela qual a congregação da Irmandade da Pureza existe é que cada um vê e sabe que não pode atingir o que deseja concernente ao seu bem estar neste mundo e a aquisição de sucesso e salvação no próximo mundo, exceto através da cooperação de cada um com seu companheiro”. O objetivo dos Ikhwan não é portanto uma coleção de fatos, nem um simples desejo de criar algum tipo de ecletismo como foram acusados por certos autores ansiosos em achar em seus escritos originalidade e inovação sobre tudo o mais.

Ao invés disto, o propósito dos Ikhwan, de acordo com sua própria definição parece ser educacional no completo sentido da palavra – isto é, trazer para a frutificação e perfeição as faculdades latentes do homem para que ele possa conquistar a salvação e a liberdade espiritual. Praticamente todo capítulo de seu longo trabalho relembra ao leitor que neste mundo ele é um prisioneiro que através do conhecimento deve se libertar de sua prisão terrestre. Todas as ciências que eles consideram – seja astronomia, angiologia, ou embriologia – são discutidas, não como o objetivo de uma interpretação puramente teórica ou intelectual ou para sua aplicação prática, mas para ajudar a desfazer os nós na alma do leitor por fazê-lo ciente, por um lado, da grande harmonia e beleza do Universo, e por outro, da necessidade do homem em ir além da existência material. De modo a atingir esta finalidade eles combinam em sua educação ideal as virtudes de muitas nações.

Eles definem o homem ideal e perfeito como

Persa oriental na origem, árabe na fé, de educação iraquiana, isto é babilônica, um hebreu em astúcia, um discípulo de Cristo em conduta, piedoso como um monge sírio, um grego nas ciências individuais, um indiano na interpretação dos mistérios, mas finalmente e especialmente, um Sufi na totalidade de sua vida espiritual.

Se nós considerarmos como preferência o propósito ao invés da fontes do *Rasa'il*, é difícil explicar o desenvolvimento do trabalho como eclético, porque o que pode historicamente ser traçado de diversas fontes é reunido e unificado numa visão única e definitiva. E desde que a finalidade se conforma quase que totalmente com o espírito do *hadith* do Profeta, “o mundo é a prisão do fiel e o paraíso dos descrentes”, é mais difícil chamar-lo de qualquer forma de não-islâmico do que nós aceitarmos a definição de “Islâmico” dado no Prólogo.

Não somente os Ikhwan se identificam espiritualmente com *tasawwuf*, cuja finalidade última é despertar o iniciado do “sonho da negligência” através da educação e treinamento espiritual, mas a consideração de sua própria organização corresponde – apesar de num

plano que é mais exterior e social – àquela das irmandades Sufis. Os Ikhwan se dividem em quatro categorias:

1. Aqueles possuindo a pureza da substância física, excelência de concentração e assimilação. Os membros devem ter no mínimo quinze anos . Estes irmãos são chamados os piedosos e os compassivos (*al abrar al-ruhama*) e pertencem à classe dos mestres artesãos.
2. Aqueles possuindo ternura e compaixão para com os outros. Os membros devem ter no mínimo trinta anos. Este grau corresponde à faculdade filosófica, e seus membros são chamados irmãos dos homens religiosos e instruídos (*akhyar e fudala*), a classe dos chefes políticos.
3. Aqueles possuindo a habilidade de combater guerras e insurreições no espírito da calma e moderação que conduz à salvação. Eles representam a força da lei Divina que o homem recebe na idade de quarenta anos. Eles são chamados os homens nobres de conhecimento e virtude (*al-fadala al-kiram*) e são os reis e sultões.
4. O grau mais alto, que é aquele da entrega, recebendo a ajuda Divina e a visão direta da Verdade. Este é o período angelical apenas alcançado na idade de cinquenta anos, e é a preparação para a ascensão celestial. Os profetas como Abraão, José, Jesus, Mohamed, e sábios como Sócrates e Pitágoras pertenceram a este estágio.

Pode-se ver nesta classificação a bem conhecida divisão entre as iniciações de trabalho, real e sacerdotal que existiram também na Europa medieval. A unidade do objetivo final através da hierarquia dos vários estágios é também evidente. O que levou muitas pessoas a acusar os Ikhwan de ecletismo, de qualquer forma, não foi esta unidade, mas a menção a antigos sábios juntamente com os profetas. Nós já explicamos no prólogo, de qualquer forma, a validade deste procedimento de integrar no Islão àquilo que aceita a Unidade do Princípio Divino. De fato, entre muitos mulçumanos, especialmente os Sufis, a idéia de que Deus revelou a Verdade de alguma forma a todos os povos é uma consequência óbvia da própria Revelação Corânica. Da mesma forma, como diz Tibawi:

A Irmandade da Pureza crê que a Verdade é uma, sem que seja o trabalho privado de qualquer um. Deus enviou Seu espírito para todos os homens, para os Cristãos assim como para os Mulçumanos, para negros assim como para os brancos .

Na opinião dos autores do *Rasa'il*, o individualismo é a fonte da confusão e erro. Observando os gregos ou os outros sábios antigos mencionados pelos Ikhwan, portanto, de forma alguma destroem seus propósitos de educação através da integração e em direção ao objetivo final, que é libertar os seus discípulos da prisão deste mundo; nem fazem isto os ecléticos num outro sentido além do histórico.

Numa passagem curiosa e significativa, os Ikhwan se identificam com a Tradição Primordial e a *philosophia perennis* que eles buscam expor em seu total florescimento somente após o último dos profetas ter trazido sua religião ao mundo.

Saiba meu irmão, que nós somos a sociedade dos Irmãos da Pureza, seres puros e sinceros com corações generosos. Nós dormimos na caverna de Adão, nosso pai, durante o lapso de tempo que trouxe de volta a nós as vicissitudes do tempo e as calamidades dos eventos, até que finalmente, após nossa dispersão através de várias nações, chegue o momento de nosso encontro no domínio do Mestre da Religião Eterna, o momento quando nós veremos nossa Cidade Espiritual elevada no ar...

De acordo sua própria concepção, então, os Ikhwan estão expondo a sabedoria eterna, ou o que Suhrawardi mais tarde chama de *hikmah laduniyah*, que o homem sempre possuiu de

alguma forma, mas agora é exposto totalmente pelos Ikhwan após ter estado oculta (na caverna) através dos períodos prévios da história da humanidade. Após sua aparência temporal, se os Ikhwan clamam extrair suas doutrinas de antigas fontes não é para constituir um “museu”, mas para construir uma fortaleza unificada e para guiar seus discípulos à única verdade que eles acreditam sustentar as diversas fontes de onde eles extraem seu material e inspiração. A “graça” última, ou *barakah*, de qualquer forma, vem para eles do Islão que é a Revelação última da Verdade no ciclo presente da humanidade.

Os Ikhwan e a Filosofia

Enquanto certos estudiosos pensaram ser o propósito do Ikhwan reverter a situação política contemporânea pela restauração de um sistema filosófico capaz de servir como base para a vida, a maioria daqueles que estudaram suas doutrinas acreditam que seu objetivo era combinar religião e filosofia. Os próprios Ikhwan, de fato, freqüentemente falam das virtudes da filosofia como um meio de encontrar a Verdade e seu desejo de combiná-la com a lei Divina, ou o *namus*, dos profetas. Seu objetivo, de qualquer forma, não é aquele de Ibn Rushd (Averróes, n.t.) ou mesmo Thomas Aquinas, porque aqui novamente os Ikhwan dão uma conotação à palavra filosofia que difere amplamente do significado racionalista e silogístico dado a ela pelos Aristotélicos. Ao invés disto, eles identificam filosofia com *hikmah*, em oposição com um grande número de antigos escritores muçulmanos que usaram filosofia como sendo quase que puramente um sinônimo de sabedoria humana e *hikmah* como uma sabedoria que tem sua fonte última nas Revelações dadas aos antigos profetas. A filosofia dos Ikhwan é “a similitude tanto quanto possível do homem com Deus”. Ela é “o significado que novamente atrai a elite dos homens ou dos anjos na terra para próximo do Altíssimo Criador.” Sua utilidade é a “aquisição de uma virtude específica da raça humana, aquela que atualiza todas as ciências que o homem potencialmente possui . . . Pela filosofia o homem realiza as características verdadeiras de sua raça . Ele alcança a forma da humanidade e progride na hierarquia dos seres até que atravessando o caminho reto (ponte) e o caminho correto ele se torna um anjo . . .” Pode-se facilmente ver que existe uma conexão mais íntima entre esta concepção de filosofia e o objetivo Pitagórico-Socrático da purificação da alma do homem do que existe com a lógica peripatética.

Os Ikhwan estão bem conscientes também das características do tipo de filosofia que não é *hikmah*, e a consideram de modo similar às autoridades religiosas no Islão. Na discussão entre o homem e os animais no fim da seção de zoologia, o papagaio se dirigindo ao homem é levado a dizer:

Assim como para sua ostentação de que possuem entre vocês filósofos e logicistas, eles não são fonte de benefício para vocês, mas os conduzem ao erro e descrença . . . porque eles desviam o homem do caminho ordenado por Deus, e por suas discordâncias tornam sem efeito o mandato da religião. A opinião e crenças de todos variam uma com as outras. Alguns clamam ser o Universo o mais antigo; alguns crêem ser a matéria; alguns empenham em estabelecer a antiguidade das formas . . .

A característica particularmente notável do tratamento da filosofia na sua relação com o Islão pelos Ikhwan é a sua identificação de *iman*, o aspecto interior do *islam*, com o “serviço divino dos filósofos”. Esta diferenciação é similar àquela distinção feita pelos sufis entre *islam*, *iman* e *ihsan* com os três graus da Tradição, os últimos dois sendo não

apenas a simples fé, mas também a sabedoria e a gnose (*ma'rifah*). Existe esta diferença, de qualquer forma: enquanto que as práticas sufis conectadas com *iman* e *ihsan* derivam completamente da Revelação do profeta Muhammad – sobre quem esteja a paz – a liturgia descrita pelos Ikhwan parece ser mais intimamente relacionada com a religião dos herdeiros do profeta Idris, isto é, os haranianos que foram os herdeiros principais no Oriente Médio daquilo que foi chamado “Pitagorianismo Oriental” e que foram os guardiões e propagadores do Hermetismo no mundo islâmico. A liturgia filosófica dos Ikhwan acontecia em três noites a cada mês, no princípio, no meio e algo entre o dia 25 e o final do mês. A liturgia da primeira noite consistia na oratória pessoal; a da segunda num *texto cósmico* lido sobre os céus estrelados direcionando-se à estrela polar; e o da terceira noite num hino filosófico (aplicando um tema metafísico ou metacósmico) que era uma “oração de Platão”, “súplicas de Idris”, ou o “salmo secreto de Aristóteles”. Havia também três grandes comemorações filosóficas durante o ano, nas épocas de entrada do sol nos signos de Áries, Câncer, e Balança. Os Ikhwan relacionavam estas comemorações com as comemorações islâmicas de *'id al-fitr* no final do Ramadan, *'id al-adha*, no décimo dia do *Dhu'l-hijjad*, e o *'idal-ghadir* no décimo oitavo dia do mesmo mês, data da emposse de 'Ali ibn Abi Talib pelo profeta como seu sucessor no Ghadir Khumm, a principal data de celebração Xiita que eles correspondem com a comemoração da queda. Para a estação do inverno, de qualquer forma, havia ao invés disto, um longo dia de comemoração pelo tempo enquanto “os sete adormecidos dormiam na caverna.”

A conexão entre a filosofia, a liturgia e o *hikmah* nos conduz a situar os Ikhwan mais na linhagem dos herdeiros do hermetismo e no que foi chamado “neo-pitagorianismo”, que entrou no Islão Xiita através dos harranianos e os Nusairis no princípio de sua história. Ainda que parcial ou má definida tal relação possa parecer histórica, ela é, pela natureza das doutrinas, mais plausível que a teoria de que os Ikhwan adotaram simplesmente a filosofia “teórica” e “acadêmica” e a adicionaram à Shari'ah sem a habilidade de permanecer fiel à uma ou outra.

A Identidade e Significância do Ikhwan

Após esta longa busca na identidade e significância dos Ikhwan nós nos encontramos confrontados com muitas opiniões contraditórias entre estudantes do assunto. Pode ser seguramente afirmado, de qualquer forma, que dada a preferência de uma tendência cosmológica e simbólica do que de uma racionalista dos Ikhwan, nós devemos excluí-los da escola dos Mu'tazilites assim como dos seguidores de Aristóteles, em outras palavras, os *Mashsha'iyun* (ou *Mashsha'um*). Pois pelas mesmas razões, e por razões adicionais a serem discutidas mais tarde em companhia de outras fontes do *Rasa'il*, os Ikhwan devem ser associados com as doutrinas Pitagóricas-Herméticas, muitas das quais são melhores conhecidas no Islão sob o nome dos arquivos de Jabir ibn Hayyan. Além disso, considerando o extensivo uso feito do *Rasa'il* pelos Ismaelitas durante os últimos séculos e a presença de certas idéias básicas tais como *ta'wil* em ambos os grupos, nós podemos de forma livre associar os Ikhwan com o Ismaelismo, especialmente com o que foi chamado de “gnose ismaelita”. Mas é talvez mais significativo, especialmente com respeito à suas doutrinas cosmológicas, descreve-los como um grupo xiita com tendências sufis cuja exposição às ciências cosmológicas acabou por influenciar a totalidade da comunidade mulçumana durante os últimos séculos. A concepção de Natureza sustentada pelos Ikhwan teve quase tão grande influência sobre os xiitas dos doze imans como sobre os ismaelitas. A

similaridade também, entre grande parte do *Rasa'il* e o *tasawwuf* deve ser especialmente enfatizada com referência à cosmologia, da qual al-Ghazzali e Ibn 'Arabi extraíram várias formulações.

Como tentativa de uma síntese por parte do Xiismo durante o quarto século, o *Rasa'il* logo ganhou grande popularidade e grande importância.

Em efeito, ele é, por sua própria demonstração, uma enciclopédia manual da filosofia árabe do século dez . . . Seu valor se encontra em sua completude, em sua sistematização dos resultados do estudo árabe.

O *Rasa'il* foi largamente lido pela maioria dos homens de conhecimento dos períodos seguintes, incluindo Ibn Sina e al-Ghazzali, e continuou a ser lido até os nossos tempos, e foi traduzido para o Persa, Turco e Hindustani. Pelo número de manuscritos presentes em várias livrarias no mundo mulçumano, deve ser considerado entre os mais populares trabalhos islâmicos sobre conhecimento. Mas o trabalho não é apenas “popular” no sentido de ser para todos, como tem sido constantemente afirmado. O *Rasa'il* contém muitas idéias metafísicas e cosmológicas profundas, na maioria das vezes expressa numa linguagem simbólica e de certa forma simples que do ponto de vista de uma mente acostuada com exaustivas discussões, parece “popular” e “ingênua”. Paralelamente, no *Risalat al-jami'ah* e no raríssimo *Jami'at al-jami'ah*, os Ikhwan apresentam suas doutrinas numa maneira mais compacta, oculta e esotérica, apesar de geralmente não se afastarem do assunto geral do *Rasa'il*.

Tomado como uma totalidade, os escritos dos Ikhwan nos apresentam com uma concepção do Universo sob a qual um grande segmento do mundo Xiita assim como do Sunita viveram por mil anos. Apesar dele não conter explicitamente a ciência esotérica de um Muhyi al-Din ibn 'Arabi ou Muhyi al-Din al-Buni, ele explica numa linguagem simples, e freqüentemente com grande beleza, os contornos principais dos conceitos da Natureza que podem ser encontrados em muitos trabalhos mulçumanos posteriores através dos séculos.

As Fontes do Rasa'il

A falta de evidência histórica para as vidas e doutrinas daquilo que Proclus chamou de a “Corrente Dourada dos filósofos pitagóricos” e o que no mundo islâmico é chamado de arquivos Jabirianos, faz a investigação das fontes do *Rasa'il* uma tarefa muito difícil. Existe pouca dúvida, de qualquer forma, que o *Rasa'il* em seus aspectos cosmológicos provém mais do que tudo de fontes Pitagorianas e Jabirianas. Os Ikhwan afirmam freqüentemente que eles são seguidores da tradição de Pitágoras e Nicomachus, especialmente no tratamento que dão aos números como uma chave para a compreensão da Natureza e a interpretação simbólica e metafísica da aritmética e geometria. Além disto, eles identificam Pitágoras com os harranianos, com os quais, como já afirmado, os Ikhwan tiveram muitas afinidades.

Assim como a Relação do Ikhwan com Jabir, foi dito que o *Rasa'il* é uma “encyclopédie scientifique dont le caractère pythagorisant et la tendance ismaélito-batinite présentent plus d'une analogie avec les écrits jabiriens.” Próprio Jabir afirmou não somente ter possuído o conhecimento dos sábios gregos, especialmente Pitágoras e Apollonius de Tyana (Balinas), mas também ter conhecido a sabedoria dos antigos Yemenitas, que Jabir afirmou ter apreendido de Harbi, o Himyarita, e estar informado sobre as ciências dos hindus. Seja qual

significância destas referências possa ser, não há dúvida que os arquivos Jabirianos contém muitos elementos de fontes pitagóricas e herméticas, assim como certas idéias da Pérsia, Índia e mesmo China.

A relação íntima existente entre o *Rasa'il* e os arquivos Jabirianos naturalmente faz das fontes de Jabir as mesmas dos Ikhwan. De fato o *Rasa'il* em seu conteúdo afirma as mesmas fontes gerais. Pode-se ver nestes tratados a influência pitagórica-hermética intimamente atada às doutrinas e práticas dos harranianos, e, em certos assuntos, a influência da filosofia peripatética também, mas usualmente considerada apenas como um ponto de vista silogístico. Há além disto muitas influências persas e Indianas nas seções relacionadas com geografia, ecologia, música e lingüística – seguindo a tradição de Ibn Muqaffa' e al-Jahiz. Por fim, existe a influência do Corão que permeia a perspectiva total do Ikhwan, Eles interpretam certas partes da antiga cosmologia em termos da terminologia corânica do pedestal (*kursi*) e trono (*'arsh*), e faz referência constante à angiolgia islâmica baseada no Corão. As fontes dos Ikhwan não devem ser consideradas, de qualquer forma, apenas como textos históricos. Numa longa passagem eles próprios informam ao leitor da universalidade de suas fontes, que inclui Revelação e Natureza em adição com textos escritos. Eles escrevem:

Nós extraímos nosso conhecimento de três livros. O primeiro é composto pelas ciências matemática e natural estabelecidas pelos sábios e filósofos. O segundo consiste nos livros revelados da Torah, os Evangelhos e o Corão e outros tabletes trazidos pelos profetas através da Revelação angelical. O terceiro é o livro da Natureza que são as idéias (*suwar*) no sentido platônico e as formas (*ashkal*) das criaturas existindo de fato, da composição das esferas celestiais, a divisão do Zodíaco, o movimento das estrelas, e assim por diante . . . à transformação dos elementos, a produção dos membros dos reinos mineral, vegetal e animal e a rica variedade da aplicação humana . . . O quarto consiste nos livros Divinos os quais tocam somente os homens purificados e os quais são os anjos que estão em íntimo contato como os seres escolhidos, as almas nobres e purificadas . . .

Existem então quatro “livros” dos quais seu conhecimento deriva: os trabalhos matemáticos e científicos escritos antes deles; as Escrituras; os arquétipos, ou “idéias” platônicas, das formas da Natureza; o angelical, ou o que em termos contemporâneos pode ser chamado de intuição intelectual. Esta mescla de domínios, agora considerada um tanto separadas e distintas, é por si a chave à compreensão do *Rasa'il*, assim como é uma consequência a mais da existência da Verdade única que de acordo com os Ikhwan sustenta todas as coisas. E se a Escritura ou visão angelical pode ser aqui uma fonte de conhecimento do cosmos, é porque ainda a distinção entre Natureza e Supernatureza não foi feita de forma absoluta. Pode-se dizer que para os Ikhwan o supernatural tem um aspecto “natural”, assim com o natural tem um aspecto “supernatural”. Além disto, o uso da Revelação e da intuição intelectual, em adição à observação da Natureza e a leitura de livros mais antigos sobre Natureza, provém do propósito último dos Ikhwan, que é “ver” e perceber a unicidade da Natureza. Para demonstrar esta unicidade eles devem apelar constantemente àquelas forças e faculdades no homem que por si possuem o poder de síntese e unificação de modo que podem integrar a atividade periférica e múltipla das faculdades observadoras na visão central e unificada do Intelecto.

A organização do Rasa'il

Apesar do caráter repetitivo de certas idéias do *Rasa'il*, a ordem da apresentação do assunto segue a filosofia dos Ikhwan e reflete a importância que eles conferem ao estudo da

Natureza em comparação à teologia por um lado e matemática e lógica por outro. Em sua classificação das ciências eles as dividem em três categorias:

- I. Ciências primárias [propedêutica] (*riyadiyah*)
- II. Ciências religiosas (*al-shari'at al-wad'iyah*)
- III. Ciências filosóficas (*al-falsafiyat al-haqiqiyah*)

Estas por sua vez são divididas da seguinte maneira:

- I. Ciências primárias:
 1. Ler e escrever
 2. Lexicografia e gramática
 3. Contabilidade e transações comerciais
 4. Prosódia e métrica
 5. Doutrinas de bons e maus presságios
 6. Doutrinas de mágica, amuletos, alquimia, estratagemas e assim por diante
 7. Negócios e manufatura
 8. Comércio, agricultura e assim por diante
 9. Estórias e biografias
- II. Ciências religiosas:
 1. Ciência e Revelação
 2. Exegese
 3. Tradição (*hadith*)
 4. Jurisprudência e lei
 5. Ascetismo e *tasawwuf*
 6. Interpretação de sonhos
- III. Ciência filosóficas:
 1. Matemática (*riyadiyah*) consistindo no *Quadrivium*
 2. Lógica
 3. Ciências naturais, que por sua vez são divididas e sete partes
 - (a) Princípios governado corpos, consistindo no *hylé*, forma, tempo, espaço, e movimento (*'iml al-mabadi al-jismaniyah*)
 - (b) Os céus, consistindo na ciência das estrelas, o movimento dos planetas, razões para o caráter estacionário da terra, e assim por diante (*'ilm al-sama*)
 - (c) Geração e corrupção, consistindo do conhecimento dos quatro elementos, na sua transformação uns nos outros, os minerais, vegetais, e animais vindo a ser a partir deles (*'ilm al-kawn wa'l-fasad*)
 - (d) Meteorologia, consistindo do conhecimento da mudança do tempo devido ao efeito das estrelas, ventos, trovões, raios e assim por diante (*'iml al-hawadith al-jawwiyah*)
 - (e) Mineralogia (*'ilm al-ma'adin*)
 - (f) Botânica (*'ilm al-nabat*)
 - (g) Zoologia (*'ilm al-hayawan*)

4. Teologia (*al-'ulum al-ilahiyah*)
 - (a) Conhecimento de Deus e Seus Atributos
 - (b) Conhecimento do mundo espiritual (*'iml al-ruhaniyat*)
 - (c) Conhecimento da alma (*'iml al-nafsaniyat*)
 - (d) Política (*'iml al-siyasah*), consistindo do conhecimento da profecia, reinado, a população comum, a elite, e o homem considerado em si próprio.

Usando esta divisão das ciências como sua base, Os Ikhwan organizaram o *Rasa'il* de modo a incluir todos os campos do conhecimento, da ciência matemática e lógica à natural e corpórea, e de lá para a psicológica e finalmente a teológica. Com este propósito em mente, os cinquenta e dois *Rasa'il*, sem incluir o *Risalat al-jami'ah* que vem no final com um resumo, são divididos em quatro livros da seguinte maneira:

- I. Tratados matemáticos e educacionais:
 1. Propriedades dos números
 2. Geometria
 3. Astronomia
 4. Geografia
 5. Música
 6. O valor educacional destes assuntos
 - 7-8. Várias disciplinas científicas
 9. Ações e ditos dos profetas e sábios
 - 10-14. Lógica (incluindo o Isagogo, as Dez Categorias, Perihermenias, e Analítica Prior e Posterior)
- II. Ciência dos corpos naturais
 1. Explicação sobre as noções de matéria. Forma, movimento, tempo, espaço e assim por diante.
 2. O céu e o Universo
 3. Geração e Corrupção
 4. Meteorologia
 5. Formação dos minerais
 6. Essência da Natureza
 7. Espécies de plantas
 8. Explicação sobre a geração dos animais e suas espécies
 9. Composição do corpo humano
 10. Percepção dos sentidos e seus objetos
 11. Embriologia
 12. Homem e microcosmo
 13. Desenvolvimento de almas particulares no corpo humano
 14. Limites do conhecimento humano e ciência
 15. Máximas da vida e morte
 16. Características pertencentes ao prazer
 17. Causa da diversidade das línguas, seus sistemas de transcrição e caligrafia
- III. Ciências psicológicas e racionais

1. Princípios intelectuais de acordo com Pitágoras
2. Princípios intelectuais de acordo com os Ikhwan
3. Que o Universo é um macrocosmo
4. Inteligência e o inteligível
5. Períodos e épocas
6. Essência e paixão
7. Ressurreição
8. Espécies de movimento
9. Causa e efeito
10. Definições e descrições

IV. Ciências Teológicas – sobre o *namus* e a *shari'a*

1. Doutrinas e Religiões
2. A característica do caminho que leva a Deus
3. Explicações sobre a doutrina dos Ikhwan
4. Modos de vida dos Ikhwan
5. Essência da fé e das virtudes dos crentes iniciados
6. Essência do Divino *namus*, condições e virtudes dos profetas
7. O modo de recorrer a Deus
8. Estado dos seres espirituais
9. Política
10. Hierarquia inerente no Universo
11. Mágica e talismã

Acompanhando os Ikhwan tão próximo quanto possível em seu estudo sobre o cosmos, e considerando o segundo livro como a parte principal o, nós devemos iniciar nossa pesquisa sobre as visões cosmológicas dos Ikhwan com os princípios governantes da Natureza, e então a hierarquia no Universo, a ser seguido com o estudo das várias partes do Universo iniciando com os céus e depois descendo ao mundo sublunar. E então, fazendo um estudo sobre meteorologia, geografia, mineralogia, botânica e zoologia, nós devemos terminar nossa exposição com o estudo do homem como o elo final na corrente dos seres terrestres assim como do microcosmo em cuja multiplicidade ele retorna mais uma vez à Unidade.

Fonte:

Uma introdução às Doutrinas Cosmológicas Islâmicas

CONCEPÇÕES DA NATUREZA E MÉTODOS USADOS PARA SEU ESTUDO PELO IKHWAN AL-SAFA, AL-BIRUNI, E IBN SINA

Seyyd Hossein Nasr

Tradução: www.imagomundi.com.br